

Juan José Millás

A Mulher Louca

Tradução
Jorge Pereirinha Pires

 Planeta

Capítulo 1

Pobrema, por exemplo, jamais havia sido escrita ou pronunciada, não estava em nenhum livro nem em nenhum jornal, não fazia parte de nenhuma canção, de nenhum verso, de manual de instruções algum. Ninguém a adicionaria à lista de compras. **Pobrema** estava excluída do mundo das palavras, que não toleravam a sua presença. Se se acercava de um livro tolhiam-lhe o passo antes de transpor a capa; se de um diálogo, era rechaçada pelos que participavam nele; se de uma empresa de etiquetas ou rótulos, terminava no caixote do lixo, junto dos desperdícios da jornada. Inábil para pertencer a nada ou a ninguém, ocultava-se durante o dia e à noite saía para respirar, acercando-se, como os insectos nocturnos, das janelas em que havia luz. Se descobria alguém escrevendo ou falando do outro lado, tentava discretamente chamar-lhe a atenção com a esperança de que solicitasse os seus serviços. Longe disso, as pessoas corriam as cortinas ou baixavam as persianas como quem desvia a vista perante um espectáculo desagradável.

Tudo isto contou a palavra **Pobrema** a Julia numa noite em que se infiltrou no quarto desta e volteou como um insecto ao redor da lâmpada antes de pousar com mil cautelas na borda da mesa. A rapariga diz que levantou os olhos do livro de gramática que tinha diante de si e perguntou a **Pobrema** o que fazia ali.

– Eu, nada – disse **Pobrema**. – E tu?

- Eu estudo Língua – confessou a rapariga.
- Então saberás dizer-me por que, sendo uma palavra, não me aceitam em nenhuma frase.

Julia diz que pegou num dicionário que estava em cima da mesa, junto ao livro de texto, e abriu-o para procurá-la, mas não deu com ela.

- Não estás aqui – disse-lhe.
- Como hei-de estar aí se estou aqui? – respondeu **Pobrema**.
- As palavras podem estar em muitos sítios ao mesmo tempo, mas se não estás aqui, não estás em nenhum porque não existes.
- Como podes falar comigo se não existo?
- Não sei, eu também falo com pessoas imaginárias. As pessoas imaginárias, sem existirem, têm uma capacidade especial para comunicarem com as reais. Mas para seres uma palavra tens de significar algo, tal como para ser médico precisas de um título.

– E o que é o significado?

Julia fez ademane de ir responder, mas ao não dar com as palavras adequadas, preferiu consultar de novo o dicionário.

– Aqui diz que o **significado** é o conteúdo semântico de qualquer tipo de signo.

– E o que quer dizer isso?

– Não sei.

– Procura **semântico**, para ver o que lá diz.

Procurou semântico.

- Diz que é o que pertence ou é relativo ao significado das palavras.
- Pois então voltámos ao princípio – queixou-se **Pobrema**.
- Sim – disse, impotente, a jovem.
- Mas para ti o que é o significado? – perguntou agora a palavra inexistente.

– Eu sei o que é, mas não sei explicá-lo.

– Esforça-te um pouco, porra.

– Vamos lá ver, mesa quer dizer mesa e árvore quer dizer árvore e idiota quer dizer idiota, por isso quando dizes mesa vês uma mesa dentro da tua cabeça e quando dizes árvore vês uma árvore e quando

dizes idiota vês um idiota. Mas se dizes **Pobrema** não vês nada porque Pobrema não quer dizer nada, por isso não és uma palavra.

– E não poderia ser uma palavra falsa?

– Falsa, como?

– Pois tal como existem falsos polícias ou falsas moedas ou falsos enfermos.

– Não sei se há palavras falsas.

– Bom, então o que sou eu?

– Na verdade, não sei.

A jovem diz que encolheu os ombros e regressou ao que estava a fazer enquanto **Pobrema** permanecia pensativa. Passados uns minutos, a palavra inexistente voltou a falar. Disse:

– E tu não poderias resolver-me isso da falta de existência?

A rapariga observou demoradamente Pobrema. Depois sorriu malignamente, como se lhe tivesse ocorrido algo de divertido ou perverso, e disse:

– Talvez sim. Despe-te e deita-te nesta folha.

Interrogada por Millás acerca do modo como a palavra se desnudou, Julia respondeu que foi com normalidade, tirando a roupa. De modo que isso foi o que fez **Pobrema**, tirar a roupa e estender-se sobre a folha em branco. Disse que parecia assustada, como quando se baixa as calças ou se desabotoa a blusa diante do médico. Após examiná-la de cima a baixo, a jovem advertiu que amputando-lhe a última sílaba (**ma**), ela ficaria **pobre**.

– E pobre quer dizer alguma coisa? – perguntou **Pobrema**.

– Sim – disse Julia.

– O quê.

– Pobre quer dizer pobre.

Como **Pobrema** não abandonara a sua expressão interrogativa, Julia abriu uma vez mais o dicionário e leu:

– Que carece de recursos.

Pobrema, que não parecia muito convencida das vantagens de existir ao preço de carecer de recursos e de ser mutilada, perguntou se lhe doeria que lhe tirassem essa extremidade.

– Se eu te operar com anestesia – disse a jovem para prosseguir a brincadeira –, não notarás nada.

Após duvidar um pouco, **Pobrema** aceitou a que Julia lhe amputasse a sílaba restante com a ponta de uma esferográfica. Acabou por ser simples e indolor, porque a tinta, inadvertidamente, possuía virtudes analgésicas. Quando lhe passou o efeito da anestesia, **Pobrema**, agora convertida em **Pobre**, levantou-se, mirou-se, tocou o seu corpo com gestos de aprovação e foi-se embora, contente por significar algo, por ser alguém, por pertencer a um vocabulário.

Julia diz que olhou para o relógio, bocejou e se meteu na cama.

Capítulo 2

Julia trabalhava então na peixaria de uma grande superfície que ficava longe do quarto alugado em que vivia. Apanhava o metro muito perto de casa, mas tinha de fazer dois transbordos e de entrar logo a seguir num autocarro que, então sim, a deixava mesmo às portas do centro comercial. Durante os trajectos de ida e volta dormitava um pouco ou falava com as pessoas imaginárias que apareciam dentro da sua cabeça e cuja procedência ignorava. Talvez, dizia ela a si mesma em jeito de explicação, venham de um mundo de gente sem corpo que necessita, para viver, de se meter na cabeça das pessoas de carne e osso.

– A expressão carne e osso – particularizou – causa-me inquietação.

Se Millás lhe pedia que fosse mais precisa ao falar das pessoas imaginárias, mudava de assunto, como se se tratasse de uma questão inconveniente.

Disse que tinha chegado a peixeira procurando na Internet cursos de formação gratuitos do Instituto Nacional de Emprego sobre qualquer coisa que lhe permitisse encontrar trabalho, pois necessitava de fugir da casa de sua mãe. Escolheu o de peixeira porque lhe asseguraram que havia muita procura e porque o programa incluía o estudo das propriedades organolépticas do pescado. Chamou-lhe a atenção a esdrúxula e disse: este. As propriedades organolépticas de um corpo,

explicou a Millás, são as que se podem perceber com os sentidos: o sabor, a textura, o odor e a cor, etc.

– Não te fies nisso – acrescentou, como se houvesse feito alguma engenharia –, o curso era de 380 horas e tinhas de aprender a identificar o pescado, a manipulá-lo, a conservá-lo...

Naquela manhã, no metro, encontrou um assento livre no qual havia acabado de sentar-se para se entregar ao sonho, quando entrou a correr na sua cabeça um tipo imaginário que parecia fugir de alguma coisa. Ela fez-se de adormecida para não ter de atendê-lo.

– És a Julia? – perguntou o tipo.

Não respondeu, mas o homem parecia muito agitado e voltou a perguntar elevando a voz. Julia deu-se então conta de que trazia um revólver na mão. Não tinha ideia alguma do que poderia ocorrer no seu cérebro se aquele sujeito imaginário disparasse o revólver dentro da sua cabeça. De certeza não ocorreria nada, pois supõe-se que o revólver também era imaginário.

– Mas nunca se sabe – acrescentou –, pois na realidade há muita intromissão.

O caso é que a ideia do disparo lhe deu medo, pelo que mentiu:

– Não, não sou a Julia – disse-lhe. – Creio que a Julia é aquela – acrescentou, assinalando com os olhos uma jovem que ia junto a uma das portas da carruagem, com um livro aberto.

O tipo imaginário saiu da sua cabeça e deve ter-se metido, diz Julia, na da rapariga do livro, pois ela deixou de ler por um momento e pôs uma cara de estranheza. Pouco depois, quando estava de novo a pegar no sono, regressou o homem imaginário acusando-a de lhe ter mentido.

– De acordo – disse ela –, sou a Julia, mas pára de me chatear, não vês que estou meio adormecida?

O tipo assegurou que trataria de não a incomodar, mas daí a pouco começou a contar-lhe que tinha matado um homem.

– Pois – disse Julia com naturalidade, porque entre as pessoas imaginárias a todo o tempo ocorriam coisas que entre as pessoas de carne e osso (outra vez a carne e o osso) pareceriam atozes.

– Era meu cunhado e maltratava a minha irmã – acrescentou o homem.

– Já não a maltratará mais – disse Julia.

– Mas agora sou perseguido pela polícia.

– Pois eu não ficaria na minha cabeça. Mais tarde ou mais cedo passarão por aqui. Todos os dias passam.

– Que hei-de fazer? – perguntou o homem indeciso, olhando para um lado e para outro.

– A carruagem – respondeu Julia – está cheia de cabeças. Mete-te numa qualquer.

O assassino imaginário abandonou o corpo de Julia e perdeu-se entre a multidão de cabeças que a essa hora da manhã enchiam o metro. Julia fechou de novo os olhos e pensou em **Pobrema**, a palavra a que ela havia salvado a vida na noite anterior, agora transformada em **Pobre**, o que, sem ser um grande achado, talvez a tivesse ajudado a encontrar já o seu lugar numa frase.

– Pensei – disse ela a Millás – que as palavras, para serem alguém, tinham de pertencer a uma frase tal como as pessoas, para estarem completas, tinham de pertencer a uma família ou a um bando.

Estava a dar voltas a esta ideia, quando entraram a correr na sua cabeça um par de polícias em uniforme.

– És a Julia? – perguntaram.

– Sim, sou a Julia – respondeu com resignação.

– Passou pela tua cabeça um homem armado?

– Sim, passou a correr.

– E em direcção a que cabeça foi?

Julia assinalou com os olhos a rapariga que lia um livro junto à porta.

– Na daquela.

Observou a rapariga e viu como levantava de novo os olhos do livro, desta vez, ao que diz, francamente perturbada.

Quando chegou ao trabalho, ainda não tinha amanhecido. Entrou pela porta dos empregados e após percorrer um corredor um pouco

labiríntico, muito estreito, chegou a um quarto frio e mal iluminado, com cacifos de ferro, onde os trabalhadores mudavam de roupa antes de começar a jornada. Sobre o macaco de cor branca, que era a base do seu uniforme, Julia punha ainda um avental impermeável, umas botas como as de pesca e umas luvas, de plástico, pois a manipulação dos peixes, já por si húmidos, exigia um contacto permanente com a água e o gelo. Havia no vestiário mais três ou quatro raparigas, de outras secções. Uma delas disse:

– Hás-de ver como no sábado chove.

– Ou chove ou não chove – respondeu a outra. – Se não chover, chove.

– E isso que quer dizer?

– Não faço ideia, era o que dizia o meu pai. Ou chove ou não chove; se não chover, chove.

Enquanto escutava Julia, Millás não deixava de perguntar-se se estaria perdendo tempo ou se a rapariga teria uma reportagem. Uma reportagem louca. Hipnotizavam-no as suas alucinações verbais (seriam certas?), a facilidade com que ela deslizava de um assunto para outro, a exactidão na reprodução dos diálogos alheios... Escutá-la era como assistir a um discorrer de consciência, a uma sucessão de monólogos encadeados.

– A questão – continuou Julia – é que eu tive de olhar para onde estavam as raparigas para comprovar que eram reais, porque me pareceu que falavam como as pessoas imaginárias.

Em frente de um pequeno espelho que havia na parte interior da porta do cacifo, ajustou o gorro branco que completava o uniforme da peixaria e compôs um sorriso que não mais abandonaria durante o resto da jornada. Segundo haviam explicado aos aspirantes antes de começarem a trabalhar, deveriam imprimir esse sorriso no seu rosto tal como um selo num papel. Julia tinha ensaiado até dar com uma careta que se parecia tanto com um sorriso como um bicho-pau com um pau, disse ela, e que conseguia suster durante toda a jornada sem o mínimo cansaço muscular. Bastava que de vez em quando virasse discretamente o rosto e recuperasse durante uns instantes a posição

normal dos lábios e a altura habitual das sobrancelhas. Aquele sorriso, no qual implicava habilmente os olhos, funcionava tão bem como gesto de real amabilidade que Julia lhe atribuía parte do êxito obtido nos filtros de selecção da empresa.

Em seguida viu Roberto, o seu chefe, a bordo de um carrinho mecânico, transferindo a mercadoria recém-chegada desde o cais do supermercado para as câmaras frigoríficas. Julia seguiu-o e entrou atrás dele numa das câmaras, fingindo verificar as etiquetas das caixas para comprovar que se encontrava tudo em ordem.

Roberto e Julia eram, por sua própria iniciativa, os primeiros empregados a chegar ao centro comercial. Meia hora antes de começarem a sua jornada, já estavam a trabalhar. Julia gostava daquela meia hora que passava a sós com ele, ainda que não falassem ou falassem pouco.

Roberto era filólogo, do que Julia se havia inteirado pouco antes de começar a trabalhar naquele centro ao escutar uma conversa muito improvável entre duas raparigas da secção de charcutaria. Uma delas tinha dito:

– É filólogo, mas trabalha aqui porque no sector dele há muito desemprego. As primeiras coisas de que as pessoas se livram em tempos de crise são o marisco e a filologia.

Julia investigou na Wikipedia e averiguou que a filologia era uma disciplina que se ocupava das manifestações relacionadas com a língua. Sem haver entendido de todo o artigo, o qual era por vezes, diz, muito técnico, compreendeu que Roberto conhecia segredos das palavras que a maioria das pessoas ignorava. Ela mesma quase nada sabia, pois havia abandonado os estudos desde cedo. Se agora estudava gramática à noite, era porque queria estar à altura de Roberto nas breves conversas que mantinha com ele.

Nessa manhã, quando se encontravam os dois no interior da câmara frigorífica, atreveu-se a perguntar-lhe se havia palavras inexistentes.

– A expressão «palavras inexistentes» – gritou ele desde o seu assento, enquanto empilhava a carga depositada na forquilha do carrinho – é uma contradição. Se não existem, não existem.

– Pois é – disse ela.

– Que dizes?

– Digo que pois é!

O ruído procedente do motor da câmara dificultava o entendimento, de modo que Roberto desceu do carrinho e aproximou-se de Julia.

– Não compreendes que uma palavra inexistente não pode existir? É como se disseses que uma rua estreita é larga.

– Bom, não sei – disse Julia. – A palavra **Pobrema**, por exemplo, não existe e ainda assim eu posso pronunciá-la. Olha: **Pobrema**.

Após uns instantes de desconcerto, Roberto pôs o dedo indicador sobre a têmpora, fazendo-o girar para um lado e outro, como que indicando que Julia estava louca, e regressou ao carrinho para abandonar a câmara em direcção ao cais.

Julia saiu atrás dele dirigindo-se agora ao balcão da peixaria, onde pegou numa mangueira de boca larga e começou a encher de gelo picado os expositores de aço, sobre os quais ordenaria a mercadoria. Ainda que estivesse muito abrigada, pois debaixo do macaco branco do uniforme trazia uma camisola grossa, de gola alta, e uma camisa, o frio, nessa zona do centro comercial, era intenso. Mais tarde, quando abria ao público e acendiam a potente iluminação, o ambiente temperava-se um pouco.

Após encher de gelo os expositores, dirigiu-se a uma das câmaras, onde carregou várias caixas num carrinho manual que depois conduziu até à loja. Por essa altura, já se haviam incorporado o resto dos companheiros da peixaria e todos se ocupavam dos seus afazeres, preparando-se para a chegada do público. Roberto andava de um lado para outro, verificando que estava tudo em ordem e dando indicações quando julgava ser preciso. Não era um chefe incómodo, na condição que a maquinaria funcionasse de acordo com o programado. Numa das suas idas e vindas deteve-se junto de Julia, mostrando-lhe a sua admiração pela habilidade com que colocava as pescadinhas, às quais levantava a cauda de tal modo que davam a impressão de estar vivas.

– Ensinaram-nos isso no curso de formação, é muito fácil – disse ela minimizando-lhe a importância.

– Com que então **Pobrema** – disse ele regressando à conversa anterior.

– **Pobrema** – disse ela.

– E onde foste sacar essa palavra?

– Veio visitar-me ontem à noite ao meu quarto – respondeu Julia.

Roberto pôs-se a rir sem deixar de ordenar os peixes mortos. Nisto acercou-se uma empregada da secção de marisqueira e disse-lhe que restavam muito poucas conquilhas e que estavam quase todas abertas.

– Não as tires – disse ele –, a conquilha é muito delicada.

Quando a empregada se retirou, Julia, sem deixar de ordenar a mercadoria, disse:

– Na verdade, não sei de que te ris.